



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 06, pp. 57019-57023, June, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.24738.06.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS E USO INDISCRIMINADO DE PSICOFÁRMACOS DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19 NO BRASIL: UMA REVISÃO LITERÁRIA

Wemilly Morgana Coelho Uchôa<sup>1,\*</sup>, Thallysson José Dourado de Sousa<sup>1</sup>, Carlos Hiury Holanda Silva<sup>2</sup>, Lilian Banhato<sup>1</sup>, Paulo Brunno Morais Rocha<sup>1</sup>, Pedro Paulo de Sousa Silveira<sup>1</sup>, Jerfeson Noslen Casarin<sup>1</sup>, Jorge Augusto Souza Almeida<sup>3</sup>, Domingos Magno Santos Pereira<sup>1</sup> and Caroline Amélia Gonçalves<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Biomedicina, Universidade CEUMA

<sup>2</sup>Departamento de Medicina, Pontifícia Universidade Católica de Goiás

<sup>3</sup>Departamento de Medicina, Universidade CEUMA

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 14<sup>th</sup> March, 2022

Received in revised form

20<sup>th</sup> April, 2022

Accepted 26<sup>th</sup> May, 2022

Published online 28<sup>th</sup> June, 2022

#### Key Words:

Pandemia, Transtorno Mental, COVID-19, Alterações Psicológicas, Psicofármacos.

#### \*Corresponding author:

Wemilly Morgana Coelho Uchôa

### ABSTRACT

Os psicofármacos são substâncias que atuam sob a função psicológica e alteram o estado mental. A pandemia do COVID-19 desencadeou o aumento da prescrição, devido ao potencial risco de crise na saúde. O uso abusivo é derivado das mudanças abruptas no estilo de vida da sociedade que ocasionou em mudanças comportamentais, mentais e o alto índice de estresse elevando a violência doméstica e o feminicídio. Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa e caráter descritivo por meio de revisão da literatura. Foram realizadas buscas de artigos em inglês e português, utilizadas as bases LILACS, MEDLINE, Google acadêmico e Scielo. Os estudos evidenciam os psicofármacos mais utilizados que são os benzodiazepínicos, que pertencem ao grupo dos ansiolíticos e hipnóticos e os impactos da pandemia na saúde pública atingindo uma variedade de público e desencadeando um aumento do uso de psicofármacos e de novos psicopatologia. Os tratamentos com psicofármacos são amplamente utilizados, pois visam reduzir os sintomas prejudiciais derivados das patologias. Por tanto o uso indiscriminado de fármacos pode gerar dependência e reações adversas, sendo indispensável o acompanhamento médico para tornar mínimos os efeitos colaterais, além de propor alternativas como a psicoterapia e equipes multidisciplinares como Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

Copyright © 2022, Wemilly Morgana Coelho Uchôa et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Wemilly Morgana Coelho Uchôa, Thallysson José Dourado de Sousa, Carlos Hiury Holanda Silva et al. "Transtornos Psicológicos e Uso Indiscriminado de Psicofármacos Durante a Pandemia do Covid-19 no Brasil: Uma Revisão Literária", *International Journal of Development Research*, 12, (06), 57019-57023.

## INTRODUCTION

Os psicofármacos são substâncias químicas que atuam sobre a função psicológica e altera o estado mental. Ele age em nível de neurotransmissores do sistema nervoso central (SNC), podendo ser empregado isolado ou associado à outra medicação. Esses fármacos são classificados como ansiolíticos, hipnóticos, antidepressivos e sedativos (Freitas et al., 2018). A prescrição desses medicamentos elevou significativamente com o cenário da pandemia associada ao COVID-19, devido ao perigo iminente de contrair o vírus, juntamente com o isolamento social, impactos físicos da infecção, trabalhos remotos, fatores econômicos e o medo de acometer familiares e pessoas próximas, foram alguns dos fatores que contribuíram para potencializar a crise na saúde mental (Santos et al., 2018; Conceição et al., 2022).

As desordens psicopatológicas associadas a pandemia, podem estar associadas com quadros de depressão e ansiedade aumentando as prescrições de psicotrópicos (Oliveira et al., 2022). O aumento no consumo de psicofármacos se torna um problema de saúde pública e econômica em função dos prejuízos sociais e gastos como: perda da produtividade do paciente, dependência de tratamentos contínuos, acompanhamento médico, gastos com medicação e equipe especializada (Matschinske et al., 2022). O uso de psicofármacos pode gerar reações adversas dentre os mais comuns são: náuseas, vômitos, agitação, inquietação, hipomania, insônia, tremor, sedação e convulsões levando a necessidade de afastamento de vínculo empregatício (Donida et al., 2021), Schuck et al. (2020), mostra que houve aumento no número de suicídio, aos grupos de riscos, como pessoas com transtornos psiquiátricos, idosos e profissionais da saúde devido ao descontrole emocional, isolamento social, depressão e ansiedade. Os psicofármacos mais utilizados são os da classe

benzodiazepínicos, pertencem ao grupo dos ansiolíticos e hipnóticos, que atuam no SNC, nas sensações de ansiedade, estresse, indução ao sono e relaxamento muscular, diminuindo a excitabilidade nervosa propagação de impulsos e equilibrando as (Santos *et al.*, 2018). O monitoramento da distribuição de medicamentos psicotrópicos e o acompanhamento de hábitos de prescrição e do consumo de substâncias controladas nas regiões de acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) foram editados a legislação RDC nº 27/2007, que criou o SNGPC - Sistema Nacional para Gerenciamento de Produtos Controlados, sistema de controle de dados e informações do comércio, substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial para subsidiar a formulação de política pública de saúde, atuação na fiscalização e controle no âmbito da ANVISA (Arruda *et al.*, 2012). Desse modo, o objetivo deste trabalho, é identificar os índices de crescimento alterações psicológicas no período da pandemia do covid-19, além de identificar as principais prescrições dos psicofármacos antes e durante a pandemia por COVID-19 e avaliar o impacto da utilização desses psicofármacos para a saúde pública.

## METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e caráter descritivo que busca responder à questão norteadora: Qual o perfil de prescrições e seu impacto na saúde dos usuários, antes e após o período de pandemia? Para tanto, foi realizada uma busca por artigos em inglês e português, utilizadas as bases LILACS, MEDLINE (via Pubmed), google acadêmico e Scielo utilizando as palavras-chave: transtorno mental, covid-19, ansiedade e depressão. Após a busca, os artigos foram selecionados através do título e resumo e excluídos por duplicidade. Após a seleção, os artigos foram compilados e tabulados em planilhas previamente elaboradas pelos autores.

## RESULTADOS

O período de pandemia despertou em todas as áreas o interesse por explorar aspectos econômicos, sociais, socioculturais e o impacto da saúde pública e individual em todo o mundo. Dentro desse contexto podemos citar a preocupação relacionada ao aumento do uso de fármacos, algumas vezes de modo indiscriminado, além do impacto psicológico que esse período trouxe. O aumento no consumo de psicofármacos e um alto índice de desenvolvimento de nova psicopatologia como a depressão, ansiedade e presença de suicídio, passou a ser evidenciado em vários estudos, trazendo uma preocupação para a saúde pública, sendo necessário o seu destaque e a tomada de medidas preventivas para que a situação não traga agravamentos maiores. Os dados encontrados nos artigos nos anos de 2019 a 2022 com os descritores corrobora para construção dos dados e elucida agrupamento de informações sobre as alterações psicológica no período pandêmico evidenciando um comparativo nas plataforma nacionais e internacionais (Figura 1 e Figura 2).

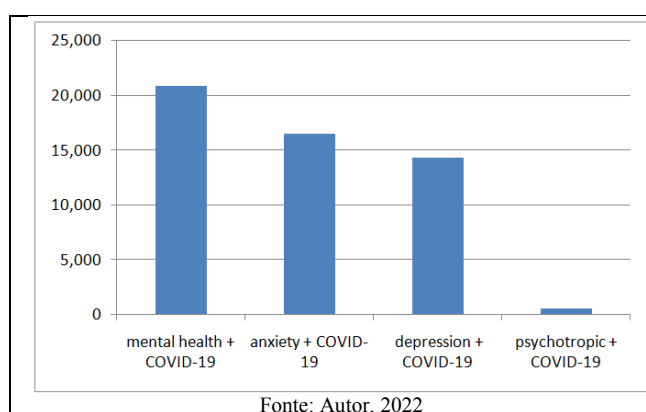
**Público-alvo de doenças psicológico em período pandêmico:** Segundo Carvalho e Tavares (2021), as mulheres foram o principal público afetado pela pandemia. Isso se deve a fatores como, a mudança de rotina, vulnerabilidade genética, fatores ambientais, fisiológicos, psicossociais, contribuindo significativamente para patogênese. Na China e nos estados brasileiros relata um aumento considerado de feminicídios. Registros policiais mostram que na China a violência contra a mulher triplicou durante o período de pandemia (Ferreira e Neves, 2020). Segundo Okabayashi *et al.* (2020), no primeiro trimestre de 2020 em relação ao ano de 2019, os estados brasileiros mostram um aumento desses casos de violência: São Paulo (38%), Rio de Janeiro (13%), Espírito Santo (30%), Ceará (60%), Rio Grande do Sul (73%) e Tocantins (300%). O número de feminicídios em março de 2020 chegou a aumentar em 400% no Mato Grosso (Costa e Barboza, 2021). De acordo com Lobo (2020), durante a pandemia da COVID-19, o acréscimo da violência se dá, exatamente, porque as vítimas encontram-se confinadas integralmente

com seus agressores, estando isoladas e restritas aos meios de denúncia, na qual antes da pandemia 42% das mulheres diziam ser vítimas de violência dentro da própria casa. Idosos também foram significativamente impactados pela pandemia e acometidos principalmente pelo estresse psicossocial causado pelo confinamento, diminuição do convívio social com os familiares. As crianças e adolescente foram seriamente prejudicados pelas mudanças de hábito ocasionadas pela pandemia da COVID-19, incluindo as aulas que passaram a serem remotas, isolamentos sociais, violência doméstica, uso excessivo de telas que resultaram em sofrimento pós-traumático, depressão, ansiedade, estresse e solidão (Silva *et al.*, 2020). Estudos realizados por Patury (2021), evidenciam que o maior número de denúncias de violências em ambiente doméstico é em crianças, em 2019 houve uma diminuição das denúncias e dos casos confirmados 30%, aumento dos maus-tratos, negligência, abuso psicológico e exploração infantil 30%, aumento dos riscos de violência infantil 23% e aumento da dificuldade de identificar e relatar os casos 19%, devido à vulnerabilidade e maior exposição ao agressor no isolamento social. Estudos realizados no estado de Santa Catarina em 136 municípios relata um aumento de 15% de denúncia de violências contra crianças e adolescentes, identificado que 38% dos casos estão ligadas à negligência, 23% à violência psicológica, 21% à violência física, 11% à violência sexual, 3% à exploração/ao trabalho infantil e 3% associadas a outros agravos violentos (Platt *et al.*, 2021). Santana *et al.* (2020), evidenciam que na China durante a pandemia houve um aumento das mudanças comportamentais elevando as taxas de doenças mentais dos pais e uso abusivo de substâncias e violência doméstica. As mudanças de hábitos e o confinamento dos membros familiares elevam os níveis de estresse, tensão e agressividade que se reflete nas crianças e nos adolescentes, atingindo a saúde física e mental que pode ser intensificada pelo tempo excessivo em tela. Professores relatam que as violências intrafamiliares contra crianças e adolescentes sempre ocorreram, mas devido à pandemia houve acréscimo de outros motivos já existentes, como o isolamento social, maior tempo de contato, dificuldades familiares e conflitos parentais (Oliveira *et al.*, 2022). Grupos específicos como os profissionais da saúde que ocupam linha de frente enfrentam inúmeros desafios que impactam negativamente na sua saúde mental, como os riscos de contaminação, carga horária extenuante, o contato com cenas de sofrimento, morte e falta de insumos hospitalares e equipamentos individuais (Teixeira *et al.*, 2020). De acordo com o estudo de Dantas *et al.* (2021), realizado em um hospital universitário do Rio Grande do Norte, onde multiprofissionais residentes trabalham, a maioria do sexo feminino, faixa etária entre 21 e 25 anos, que lida diretamente com casos suspeitos e confirmados de COVID-19 mostram que a ansiedade apresentou maior prevalência em julho de 2020 cerca de 30 a 31% apresentaram níveis grave e moderado. Fazendo um comparativo com outro estudo realizado em período não pandêmico, onde relatam níveis de ansiedade em residentes multiprofissionais da saúde no mesmo hospital, evidência que respectivamente 22,9% a 28% de níveis moderados e grave de ansiedade, notando-se taxas mais baixas que no ano de 2020. De acordo com o autor Caixeta *et al.* (2021), o consumo abusivo de psicoativos por profissionais de saúde é bastante comum, visto que é válido considerar que além de toda a exposição aos riscos, tendo maior acessibilidade aos medicamentos. Os profissionais que mais utilizam os psicofármacos de forma excessiva são enfermeiros e médicos, ocasionado devido o estresse, vida afritiva, irritabilidade relacionada ao ambiente de trabalho, jornadas de trabalhos longos e exaustivos (Tabela 1).

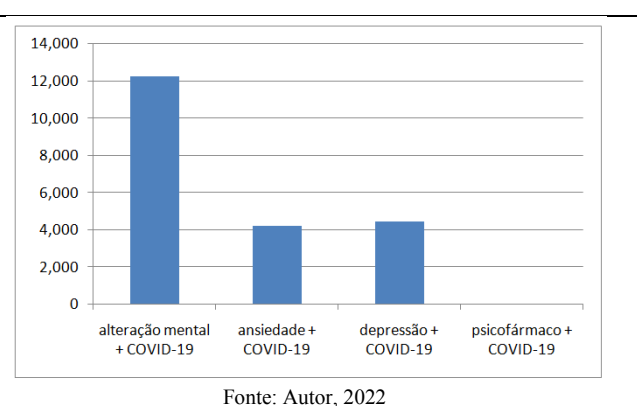
**Identificar os índices de crescimento da ansiedade e depressão no período da pandemia do covid-19:** Estudo desenvolvidos por Boni *et al.* (2020), Feitosa e Júnior (2021), Sales *et al.* (2021), mostraram que no período pandêmico os níveis de ansiedade e depressão tiveram aumento ocasionada pelas mudanças abruptas no estilo de vida da sociedade, influenciando o aumento de mudanças comportamentais da população a níveis coletivos e individuais seja por fatores biopsicossociais, patogênicos ou medicamentosos. Ao passo que o isolamento social, impactos financeiros, preocupação e doenças psicológicas preexistentes, trouxeram impactos ainda mais sérios, como: desenvolvimento de outra patologia psicológica, crises de ansiedade, depressão, insônia, suicídio, necessidade de uso contínuo

Tabela 1. A tabela evidência as interferências do estudo na prevalência do público-alvo ao uso de psicofármacos

Inferências do estudo	Conclusões	Local de Estudo	Ano	Referência
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os mais jovens podem apresentar risco 6% de transtornos mentais;</li> <li>- O ambiente e as relações também surgem como explicativos da maior prevalência de adoecimento.</li> </ul>	-Distanciamento social e a diminuição de contato físico com as pessoas durante a pandemia não é, por si só, um fator de risco para o adoecimento mental; mas sim que há influência de outros fatores que permeiam esse contexto.	Rio Grande do Sul	2020	Duarte <i>et al.</i> , 2020
- A prevalência de transtornos mentais entre os idosos (maiores de 65 anos, sexo feminino, multimorbidades) foi de 33,6%.	-Sintomas depressivos, pior percepção de saúde, a polifarmácia e osistema imunológico senescente dos idosos desencadeou a necessidade do uso de psicofármacos.	São Paulo - Sudeste	2018	Marin et al., (2018)
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Maior percentual de uso de psicofármacos na universidade é por mulheres 70,5% dos participantes.</li> <li>- 22,3% afirmaram fazer uso de ansiolítico-antidepressivos, tendo iniciado após o ingresso na universidade e em</li> </ul>	-22,3% afirmaram fazer uso de ansiolítico-antidepressivos, tendo iniciado após o ingresso na universidade e em uso diário.	Norte de Minas Gerais	2021	Carvalho e Tavares, (2021)
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Profissionais da saúde 86% relataram problemas mentais durante a pandemia.</li> <li>- 42% relataram a necessidade de acompanhamento psicológico.</li> </ul>	-Existe uma alta prevalência de ansiedade, estresse e possíveis casos de depressão entre os profissionais de saúde de Palmas-TO, que tratam de pacientes com COVID-19.	Tocantins- Norte	2021	Patury, (2021)



**Figura 1. Resultados de artigos no banco de dados Science Direct**



**Figura 2. Resultados de artigos no banco de dados MEDLINE (via Pubmed)**

de medicamentos ansiolíticos, antidepressivos e sedativos. Em um estudo realizado por Gomes *et al.* (2022), mostra que no período de junho e julho de 2020, evidenciaram aumento de 6,6% vezes no diagnóstico de depressão e 7,4% a ansiedade no país. À medida que a prescrição de psicofármaco se elevou até 113% nos medicamentos ansiolíticos, antidepressivos e sedativos comparando os seis meses anteriores à pandemia de agosto de 2020 a fevereiro de 2021. Dantas *et al.* (2021), evidenciou em pesquisa realizada, em julho de 2020 em Rio Grande do Norte, com residentes multiprofissionais em saúde de um hospital universitário que o nível de ansiedade moderada e grave foi de 31,30% entre os residentes que trabalham em setores destinados ao tratamento de pacientes com COVID-19. Santos *et al.* (2021), mostra em sua pesquisa com 490 profissionais de enfermagem do nordeste do Brasil que atuam em setores COVID-19, a ocorrência de sintomas de ansiedade e depressão sendo prevalente em pessoas do sexo feminino, cor parda e com renda inferior a cinco salários-mínimos, sendo mais acentuados quando o serviço não apresenta condições adequadas de trabalho. Pesquisas realizadas na Austrália mostra que educadores e professores da primeira infância obtiveram níveis alto de sofrimento, retratam principalmente sentimentos de ansiedade afetados na pandemia níveis de 21,5% (Berger e Reupert, 2020).

**Prescrições dos principais psicofármacos antes e durante a pandemia por COVID-19 e avaliação do impacto dos fármacos para a Saúde Pública:** O aumento do número de diagnóstico de transtorno mental tornou-se um desafio para o país, mostrando ser um tratamento comum e aceito pela sociedade, sendo evidenciado que em muitos casos o consumo desses psicofármacos é desnecessário (Matschinske *et al.*, 2022).

Durante a pandemia entre o período de 2019 a 2021, observa-se esse aumento da prescrição dos psicoativos, mostrando que o índice de pessoas com psicopatologia é maior que o número de pessoas infectadas com o vírus da COVID-19 e quemetade da população apresenta consequências psicológicas e psiquiátricas sem acompanhamento (Pereira *et al.*, 2020). O uso indiscriminado de fármacos pode gerar dependência, por ser um tratamento realizado de forma contínua (Nunes *et al.*, 2020). Rocha e Werlang (2013), mostram estudos realizados em uma unidade de Atenção Básica da Família de Porto Alegre, descreve a prevalência e o padrão de consumo de psicofármacos, evidenciando um aumento desse consumo desde 2013, sendo as classes mais utilizadas foram os antidepressivos, antiepiléticos, ansiolíticos e antipsicóticos, uma média de idade dos usuários entre 14e53 anos, sendo 72 % do sexo feminino. Os psicofármacos mais utilizados em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do município de Curitiba no Paraná, referentes aos anos de 2013 a 2016, são das classes terapêuticos antidepressivos, ansiolíticos, antiepiléticos, antipsicóticos, anticolinérgicos e hipnóticos/ sedativos, consta uma saída de 10.897 de medicamentos. Desse modo, os mais utilizados foram os antipsicóticos, em específico o Cloridrato de Clorpromazina 100mg e 25mg, seguido do ansiolítico Diazepam 5 mg (Böger *et al.*, 2018). Segundo Nunes *et al.* (2020), o Brasil é o terceiro maior consumidor mundial de medicamentos ansiolíticos benzodiazepínicos a prevalência média brasileira do uso de fármacos psicotrôpicos 5,2 e 10,2%, relacionado ao uso de benzodiazepínicos e outras classes como os antidepressivos, antiepiléticos, antipsicóticos, anorexígenos ou dopaminérgicos elevando o alerta para fármaco-dependência. A comercialização do clonazepam em 2020 na pandemia tornou-se o psicofármaco mais vendido. À medida que o padrão de consumo de psicotrôpicos não diferem em outras regiões do Brasil o Conselho Federal de Farmácia

consta que a venda de antidepressivos e estabilizantes de humor aumentou em 14% no Brasil em 2020 se comparado ao ano de 2019 (Gomes et al., 2022). Silva et al. (2021), mostra um aumento significativo de vendas de medicamentos em pesquisa realizada em farmácias na Zona da Mata Norte de Pernambuco, durante junho de 2019 a dezembro de 2020, sendo os ansiolíticos mais dispensados o clonazepam 44,52%, alprazolam 39,51%, escitalopram teve aumento de 51,9% nas vendas, o alprazolam de 38,53%, a sertralina de 48,5%, a fluoxetina de 40,3% e a amitriptilina de 72,8% no período pandêmico. Segundo Mesquita et al. (2021), em pesquisa realizada no interior do Piauí relata que os medicamentos mais consumidos foram Sertralina, seguida do Diazepam, pacientes relataram que utilizam há um ano ou mais. De acordo com em pesquisa realizada na Unidades de Saúde da família no município de Pinhas-PR, relata que nós anos de pandemia a classe de psicoativos mais utilizado foram antidepressivos, a fluoxetina o princípio ativo mais consumido, principalmente pelas mulheres. Pesquisas mostra que os psicofármacos mais prescritos são o Clonazepam, Diazepam e Fluxetina (Boni et al., 2020; Alcântara et al., 2022). A prescrição de psicofármaco vem sendo a primeira via de tratamento, ao passo que a psicoterapia é um meio em que pode ser aplicado ao paciente, tendo em vista que o uso de psicoativos apresenta importantes especificidades relacionadas à dosagem, à absorção, dependência, sedação, efeitos colaterais, e à interação medicamentosa (Marin et al., 2018).

## CONCLUSÃO

Os transtornos mentais e o uso abusivo de psicofármacos são problema emergentes em todo o mundo, conforme evidencia um aumento significativo desses índices durante o período de pandemia da COVID-19 no Brasil. Por fim, o cenário vigente, impõe desafios que potencializam os sentimentos negativos, expressos em alterações comportamentais e desenvolvimento de patologia associada a ansiedade e depressão. Ressalta-se que diante da intensificação do sofrimento, consta a presença de violência doméstica, feminicídio e suicídio. Os tratamentos com psicofármacos são amplamente utilizados, pois visam reduzir os sintomas prejudiciais derivados das psicopatologias, no entanto os impactos da pandemia foram inúmeros atingindo uma variedade de público, uma vez que é evidente uma alta prevalência de profissionais de saúde afetado pelo desequilíbrio emocional que trabalham em linha de frente com pacientes infectados com COVID-19. O uso indiscriminado de fármacos pode gerar dependência e reações adversas, visto que o acompanhamento médico é indispensável para tornar mínimos os efeitos colaterais e a utilização indiscriminada do fármaco, além propor alternativas como a psicoterapia e equipes multidisciplinares da saúde que promovam a integralidade do atendimento em CAPS entre todos os dispositivos de atenção à saúde mental, são articuladores estratégicos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) contando com uma equipe especializada para o atendimento e acompanhamento.

## REFERÊNCIAS

- Alcântara AM, Figel FC, Campese M, SilvaMZ 2022. Prescrição de Psicofármacos na Atenção Primária à Saúde no contexto da Pandemia da Covid-19. *Research, Society and Development*, 11 4, e19911420210-e19911420210.
- Arruda EL, Morais HLMN, Partata A 2012. Avaliação das informações contidas em receitas e Notificações de receitas atendidas na farmácia do CAPS II Araguaína-TO. *Revista Científica do ITPAC*, v. 5, n. 2, p. 301-313.
- Berger, E, Reupert A 2020. The COVID-19 pandemic in Australia: Lessons learnt. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, v. 12, n. 5, p. 494.
- Böger B, Federhen C, Brand M, Szapak RB, Patriota B, Morishita L, Gomes EC 2018. Medicamentos sujeitos a controle especial mais utilizados em Centros De Atenção Psicossocial em uma cidade do Paraná. *Visão Acadêmica*, 184, 84–97.
- Boni RB, Martinez VB, Mota JC, Cardoso TA, Ballester P, Carbonell BA, Bastos F, Kapczinsk F 2020. Depression, anxiety, and lifestyle among essential workers: a web survey from Brazil and Spain during the COVID-19 pandemic. *Journal of medical Internet research*, v. 22, n. 10, p. e22835.
- Caixeta AC, Silva RC, Abreu CRC 2021. Abuse of psychotropics by healthcare professionals. *Revista JGR de Estudos Acadêmicos*, v. 4, n. 8, p. 188–200.
- Carvalho GB, Tavares W 2021. A Pandemia de Covid-19 e os Impactos no Setor Supermercado: Uma Análise do Panorama de um Município de Minas Gerais. *Desenvolvimento Em Questão*, 1956, 96–114.
- Conceição BB, Costa AS, Santos MBL, Silva ILBB, Brito LF, Alves LDGL, Barbosa CAC, Silva MT, Lima CLS, Farias FIF, Sousa DP, Oliveira L, Rodrigues IP, Silva BML, Santos BMR, Ramalho SK, Sousa EPD, Coelho CS, Cruz NA, Dantas LM, Mesquita PL 2022. Percepção do impacto emocional da equipe de enfermagem diante a pandemia da COVID-19: revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 3, p. e33411321144-e33411321144.
- Costa JC, Barbosa NA 2021. Abordagem não medicamentosa na saúde mental e diminuição do uso indiscriminado de psicofármacos na atenção primária. Disponível online em <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/20451>
- Dantas ESO, Filho JDA, Silva GWS, Silveira MYM, Dantas MNP, Meira KC 2021. Fatores associados à ansiedade em residentes multiprofissionais em saúde durante a pandemia por COVID-19. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 74Suppl 1, e20200961.
- Donida GCC, Pavoni RF, Sangalette BS, Tabaquim MLM, Toledo GL 2021. Impacto do distanciamento social na saúde mental em tempos de pandemia da COVID-19 / The impact of social distancing on mental health during the COVID-19 pandemic. *Brazilian Journal of Health Review*, 42, 9201–9218.
- Duarte MQ, Santo MAS, Lima CP, Giordani JP, Trentini CM 2020. Covid-19 and the impacts on mental health: A sample from Rio Grande do Sul, Brazil. *Ciencia e Saude Coletiva*, 259, 3401–3411.
- FeitosaRS, Junior RAV 2021. Depressão, ansiedade e o uso de psicofármacos na pandemia da Covid-19. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 10, 2925–2937.
- Ferreira BDEO, Neves, ALM 2020. Reflexões sobre o feminicídio no contexto da pandemia de Covid-19 no Amazonas. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 20, n. 224, p. 47-57
- Freitas IS, Fialho KO, SOCORRO, EDF 2018. Uso excessivo de psicofármacos. *Revista Científica Univiçosa* v. 10, n. 1, p. 685-691.
- Gomes BP, Medeiros GC, Aguiar FZ, Zattar T, Franco DCZ 2022. Análise do uso de psicofármacos no Brasil no contexto da pandemia da COVID-19: Analysis of the use of psychotropic drugs in Brazil in the context of the COVID-19 pandemic. *Archives of Health*, v. 3, n. 2, p. 94-98, 2022.
- Lobo JC 2020. Uma outra pandemia no Brasil: as vítimas da violência doméstica no isolamento social e a “incomunicabilidade da dor.” *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 8, n. 1, p. 20-26.
- Marin MJS, Muftum MA, Lacerda MR 2018. Idosos com transtornos mentais: vivenciando o uso de psicofármacos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 71, p. 835-843.
- Matschinske LB, Deobald AM, Oliveira LL, Rhoden SM 2022. Psicofármacos: atuação no organismo e seu uso indiscriminado / Psychoactive drugs: action in the organism and their indiscriminate use. *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 2, p. 12210-12226.
- Mesquita NP, Tôrres AS, Lima AO, Sousa ASJ, LimaCN, Osternes FND, Sousa FWS, Araújo FSB, Aragão JA, OliveiraJM, Pereira KVSA, Figueiredo LS, Oliveira MGS, LimaMLA, Lima NFS, Almeida RO, Moreira WC 2021. Uso de psicotrôpicos e a influência no cotidiano das pessoas de um município do interior do Piauí. *Revista de Casos e Consultoria*, v. 12, n. 1, p. e26472-e26472, 2021.
- Nunes JR, Costa JLR, Moromizato LO 2020. Análise Do Uso De Psicotrôpicos Na Atenção Primária À Saúde Por Uma Revisão

- Integrativa. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 12, p. 96711-96722.
- Okabayashi NYT, Tassara IG, Casaca MCG, Falcão AA, Bellini MZ. 2020. Violência contra a mulher e feminicídio no Brasil - impacto do isolamento social pela COVID-19. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 3, p. 4511-4531.
- Oliveira APF, Souza MS, Sabino FHO, Vicente AR, Carlos DM. 2022. Violência contra crianças e adolescentes e pandemia - Contexto e possibilidades para profissionais da educação. *Esc. Anna Nery*, 26spe, 1-8.
- Patury RS. 2021. Gestão municipal e pandemia da covid-19: ações da prefeitura de palmas entre março de 2020 à março de 2021. Dissertação de mestrado em Profissional em Gestão de Políticas Públicas. Universidade Federal do Tocantins, Palmas TO.
- Pereira MD, Oliveira LC, Costa CFT, Bezerra CMO, Pereira MD, Santos CKA, Dantas EHM. 2020. he COVID-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health and coping strategies: an integrative review. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, p. e652974548-e652974548.
- Platt VB., Guedert JM, Coelho EBS, 2021. Violência Contra Crianças E Adolescentes: Notificações E Alerta Em Tempos De Pandemia. *Revista Paulista de Pediatria*, 39, e2020267.
- Rocha BS, Werlang MC. 2013. Psicofármacos na Estratégia Saúde da Família: Perfil de utilização, acesso e estratégias para a promoção do uso racional. *Ciencia e Saude Coletiva*, 1811, 3291-3300.
- Sales GS, Almeida AD, Braz PES, Vasconcelos RMA, Albuquerque SL, Souza FB. 2021. Aspectos emocionais durante a pandemia da covid-19 que comprometeram a participação efetiva nas atividades de extensão: um relato de experiência. *Anais do Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste SEREX*, n. 5, p. 647-652.
- Santana VVRS., Nascimento RZ., Lima AA., Nunes ICM. 2020. Alterações psicológicas durante o isolamento social na pandemia de covid-19: revisão integrativa. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, v. 2, p. 754-762, 2020.
- Santos KMR., Galvão MHR., Gomes SM., Souza TH., Medeiros AA., Barbosa IR. 2021. Depressão e Ansiedade em Profissionais da Enfermagem. *Escola Anna Nery*, 25, 1-15.
- Santos SH, Nestor AGS, Abreu BS, ModestoKR. 2018. A Utilização Dos Medicamentos Psicotrópicos E Seus Fatores Associados. *Rev Inic Cient e Ext*. v. 1, n. 1, p. 51-56
- Schuck FW., Weber GMF., Schaefer CK., Reinheimer MW., Rockenbach DM. 2020. A influência da pandemia de COVID-19 no risco de suicídio / The influence of the COVID-19 pandemic on suicide risk. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 5, p. 13778-13789.
- Silva MG., Souza EB., Medeiros AF., Martins ERB. 2020. Ensino de arte em tempos de pandemia causada pela COVID-19: desafios dos professores com o ensino remoto no sul do Amazonas. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 12, p. e37891211144-e37891211144.
- Silva RD., Rodrigues LHO., Souza ICS., Seixas KB., LimaAKBS, Maia RP. 2021. Dispensação De Ansiolíticos E Antidepressivos Em Farmácias Privadas Durante a Pandemia De Covid-19. *Temas Em Saúde*, 216, 314-333.
- Teixeira CFDS, Soares CM, Souza EA, Lisboa ES, Pinto ICDM, Andrade LRD, Espiridião MA. 2020. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. *Ciencia & saude coletiva*, v. 25, p. 3465-3474.

\*\*\*\*\*